

# Políticos de oposição e aliados criticam a freada

*Maioria acha que decisão de manter juros 'é água fria' no crescimento econômico*

**A** decisão do Conselho de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) de interromper a queda dos juros, mantendo a taxa básica, a Selic, em 16% ao ano, foi criticada por parlamentares de todos os partidos da base aliada e da oposição.

"Essa decisão joga minhoca na cabeça do investidor", disse o presidente da Comissão Mista do Orçamento, Paulo Bernardo (PT-PR). "Mas reconheço que, em determinados momentos, o Copom é um agente de in tranquilidade."

Bernardo argumenta que tem defendido a condução da política econômica e autonomia do BC. "O que está errado? A projeção da inflação para os próximos 12 meses está abaixo da meta do governo e o resultado da indústria foi excelente", ponderou. Na opinião dele, o documento do PL criticando a política econômica não teve influência na decisão do Copom.

Um dos poucos a comemorar a manutenção da Selic foi o líder do PL na Câmara, deputado Sandro Mabel (GO). Ele afirmou que isso foi "uma vitória" do seu partido, que ontem divulgou manifesto pedindo a redução da taxa. "Se o PL não estivesse com essa 'bateção' nos juros, o Copom teria aumentado a taxa. Com essa situação internacional, a atitude normal seria subir para sinalizar para o mercado", disse Mabel.

Na véspera da decisão do Copom, o presidente do partido, Valdemar Costa Neto, criticou duramente a política econômica do governo, particularmente o presidente do BC, Henrique Meirelles. Ontem, Costa Neto não comentou a decisão do BC.

O vice-líder do governo na Câmara, deputado Beto Albuquerque (PSB-RS), foi irônico ao comentar a decisão do BC. "Essa decisão é uma homenagem ao Valdemar Costa Neto, que em véspera de Copom adora perturbar o mercado", afirmou, sugerindo que o documento do PL influenciou a decisão.

Demonstrando desconforto com o resultado, o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante, recusou-se a comentar a decisão do Copom. "Não vou falar sobre isso. Só falo sobre as matérias em votação no plenário", disse, argumentando que estava trabalhando havia 12 horas.

Para o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), há margem para o País dar mais um passo na diminuição gradual dos juros. Por isso, ele gostaria que o governo considerasse a sua sugestão de transmissão da reunião do Copom para que os brasileiros possam acompanhar a argumentação dos membros do comitê.

"É uma má notícia", resumiu o presidente do PMDB, deputado Michel Temer (SP). O presidente do PPS, deputado Roberto Freire (PE), afirmou que, "infelizmente, o Copom e o BC estão desocupados com o futuro do País, estão muito preocupados com a banca do sistema financeiro."

O presidente da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), cobrou uma atitude mais ousada do governo para a queda das taxas. Ele disse que o Copom "está procedendo com excessiva cautela". "Do jeito que vai, vamos ficar parados", afirmou. "Estamos vivendo um momento em que precisamos arriscar mais e crescer."

Um dos mais ferrenhos opositores do governo, o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), disse que é "um absurdo" o Copom ter mantido os juros em 16%. "É uma água fria no crescimento econômico", afirmou.

Embora elogie o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, como o melhor integrante do governo, Virgílio afirmou que a equipe econômica está cometendo

um equívoco. Na sua opinião, o Copom deveria ter feito um gesto simbólico e reduzido a Selic meio ponto porcentual. "O Brasil aguenta juros reais abaixo de 10% e os nossos estão acima de 12%", destacou.

Para o líder do PFL na Câmara, deputado José Carlos Aleluia (BA), com a manutenção dos juros, o BC reconhece que o cenário nacional é desfavorável. "Temos de pagar juros mais altos para pagar a falta de credibilidade do governo Lula", afirmou. Aleluia, no entanto, acredita que os juros não são a única causa da estagnação do País. "Não reduzir os juros é um pequeno desestimulante, mas não é o essencial", disse.

O deputado Francisco Dornelles (PP-RJ), ex-ministro da Fazenda, afirmou que o Copom "atuou com muita prudência". "Num momento em que se tem uma turbulência internacional, era necessário manter a taxa", disse. (Eugênia Lopes, Denise Mardueño, Vânia Cristina, Cida Fontes)

**Se o PL  
não estivesse  
com essa  
'bateção'  
nos juros, o  
Copom teria  
aumentado  
a taxa**

**Sandro Mabel,  
deputado (PL)**